DOI 10.20504/opus2023.29.27

Ladainhas na Amazônia: aproximações entre as ladainhas das festas de Santo Alberto (São Gabriel da Cachoeira, AM) e São Sebastião (Cachoeira do Arari, PA)

Líliam Cristina Barros Cohen
https://orcid.org/0000-0002-8598-8243
(Universidade Federal do Pará, UFPA / Faculdade de Música / ICA, Belém-PA, Brasil)

Fernando Lacerda Simões Duarte
https://orcid.org/0000-0001-7506-5413
(Universidade do Estado do Amazonas, UEA / PPG-Letras e Artes, Manaus-AM, Brasil)

Juliano Cássio da Silva Conceição
https://orcid.org/0000-0002-7005-4739
(Universidade Federal do Pará, UFPA / Campus Universitário do Marajó-Soure, Soure-PA, Brasil)

Resumo: Neste artigo, propõe-se um estudo de aproximações entre os repertórios de ladainhas da festa de Santo Alberto de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, e das Festividades do Glorioso São Sebastião, em Cachoeira do Arari, Marajó, Pará. Baseado em estudos anteriores contextualizados em trabalho de campo, foi realizada, também, contextualização histórica da ladainha como gênero ritual e musical. Os resultados apontam para aspectos da estrutura formal de ambos os repertórios, ponderações sobre aspectos simbólicos e os fundamentos históricos relacionados ao tema.

Palavras-chave: Música religiosa na Amazônia. Ladainhas. Música religiosa – Igreja Católica. Catolicismo popular. Etnografia e história da música.

Litanies in the Amazon: a comparative study of the festivities of St. Albert (São Gabriel da Cachoeira, AM) and St. Sebastian (Cachoeira do Arari, PA)

Abstract: This article presents a comparative study of litany repertoires observed during the saints' festivals in São Gabriel da Cachoeira in the State of Amazonas, and the festivities of Glorioso São Sebastião in Cachoeira do Arari, Marajó in Pará [Brazil]. Utilizing contextualized fieldwork studies, the article offers a historical contextualization of the litany as a ritual and musical genre. The formal structure of both repertoires is analysed, accompanied by reflections on the symbolic aspects of the events and their historical foundations.

Keywords: Religious music in the Amazon. Litanies. Religious music – Catholic church. Popular catholicism. Ethnography and history of music.

COHEN, Líliam Cristina Barros; DUARTE, Fernando Lacerda Simões; CONCEIÇÃO, Juliano Cássio da Silva. Ladainhas na Amazônia: aproximações entre as ladainhas das festas de Santo Alberto (São Gabriel da Cachoeira, AM) e São Sebastião (Cachoeira do Arari, PA). *Opus* (Assoc. Nac. Pesqui. Pós-Grad. Música), Vitória, v. 29, p. 1-18, 2023. http://dx.doi.org/10.20504/opus2023.29.27

Recebido em 26/10/2022, aprovado em 3/12/2023, publicado em 30/12/2023

As ladainhas permeiam grande parte da música religiosa católica, tanto o repertório de tradição escrita quanto o que se transmite pela oralidade. Elas estão presentes em documentos musicográficos para as paraliturgias – novenas, tríduos e outras devoções – produzidos ou utilizados no Brasil desde, pelo menos, o século XVIII. Também se encontram, como se verá ao longo do trabalho, em documentos textuais ainda mais antigos. Na Amazônia, as ladainhas constituem uma expressão do catolicismo popular. No Pará e no Amazonas, a tradição sobrevive em diversas cidades, ora enfrentando a oposição do catolicismo institucionalizado, ora sua condescendência, e até mesmo, em alguns momentos pontuais, o incentivo da Igreja à manutenção da prática.

Neste trabalho, propõe-se um olhar entre duas dessas manifestações, que ocorrem em São Gabriel da Cachoeira, no noroeste do Amazonas, e em Cachoeira do Arari, no Marajó, estado do Pará. Algumas questões nortearam tal proposta: quais as aproximações entre as ladainhas das duas localidades? Seria possível datá-las ou ao menos perceber possíveis transformações em suas práticas ao longo do tempo? Como chegaram à Amazônia? Como esse tipo de prece cantada se consolidou no Cristianismo? Quais as questões simbólicas envolvidas na manutenção desse repertório e como ele se transmite? Existe risco de seu perecimento (situação de vulnerabilidade) em razão das transformações sociais e religiosas no presente? Para responder a tais questões, foi realizada pesquisa bibliográfica e documental, bem como trabalho de campo de viés etnográfico. Esta complementaridade entre os estudos em Musicologia Histórica e Etnomusicologia se revelou particularmente eficiente para o estudo desse repertório específico, conforme se verá ao longo do texto, mas parece igualmente aplicável a uma série de outros repertórios rituais que se transmitem igualmente pelas vias oral e escrita: benditos, encomendação de almas e outros. Para além de uma análise estritamente musical, propõe-se aqui o estudo do repertório em seus distintos contextos. Os referenciais teóricos e marcos conceituais serão oportunamente apresentados ao longo da discussão.

1. As ladainhas nas festas de santo em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro

As ladainhas constituem repertórios de rezas cantados nas festas tradicionais realizadas por comunidades indígenas da cidade de São Gabriel da Cachoeira e arredores, no Alto Rio Negro (AM). Fazem parte de um complexo ritualístico que envolve, além de repertórios de ladainhas, o de "Correrê" e o de "Caminho de Santo", descritos por Barros (2009). Neste artigo, o enfoque será no repertório de ladainhas, sua estrutura e simbolismo.

Ao longo dos anos de 2002 a 2009, foram acompanhadas as festas de Santo Alberto e São Pedro na cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM), realizadas pela comunidade do bairro da Praia, cuja tradição de décadas é mantida por dois rezadores bem conhecidos na região: senhor Legé e senhor Anacleto. Os dois possuem amplo conhecimento dos repertórios e são respeitados pela comunidade como sabedores dessa tradição em toda a sua constituição. Nos anos de 2002 a 2004, havia a presença de um aprendiz de rezador, filho de seu Anacleto, Achieta Firmo. No entanto, houve uma descontinuidade de sua presença na tradição por ter se dedicado à sua formação de padre salesiano. Até o ano de 2009, não foi verificada a presença de um aprendiz, estando, portanto, esse repertório musical em provável situação de vulnerabilidade em seu processo de transmissão. Até o ano de 2009, foi percebida a constante presença da comunidade nas festividades e sua participação ativa durante o canto.

As festas de santo ocorrem no Clube Santo Antônio, no bairro da Praia, na cidade de São Gabriel da Cachoeira (Figura 1), e possuem uma estrutura ritual fixa que se constitui de marcos rituais e participantes denominados festeiros. O início da festa é demarcado pelo levantamento de mastro, erguido com frutas quase maduras doadas pelos moradores locais. Todos os dias, pela manhã, é realizada uma caminhada pelo bairro, com a imagem do santo e seu grupamento ritualístico, pelas casas para retirada das doações. A comissão que acompanha o santo é constituída pelo tamborineiro, que é o próprio rezador, o carregador do santo e os bandeireiros. Tal caminhada se faz com o repertório de *Caminho de Santo*, cujas músicas são cantadas em português, no sistema tonal, marcadas pelo som do tamborino. Assim, o santo (Figura 2) vai de casa em casa recolhendo as doações e pedindo licença para entrar. Ao longo do dia, são realizados lanches e refeições diversas, demarcados pelo repertório de *Correrê*, que é constituído por canções dançadas em Língua Geral, marcadas pelo tamborino (Figura 3), muitas vezes com coreografia e vestuário de caráter mais ocidental.

Ao longo do *Correrê*, ocorre, também, roda de troca ou compartilhamento de bebidas, que podem ser as tradicionais alto-rio-negrinas, como o caxiri, ou bebidas já decorrentes da vida urbana, como cachaça misturada com sucos ou refrigerantes. Essa roda de bebidas é marcada pelo som do tamborino.

No início da noite de cada dia, são realizadas as ladainhas. Desde a orla da praia são ouvidas as batidas do tamborineiro chamando para o ofício. Famílias caminham pelas ruas respondendo ao chamado. É um momento solene em que as pessoas aparecem arrumadas e, com muito respeito, participam da reunião. De forma geral, levam uma vela e sempre respondem às jaculatórias em coro, o que atesta a permanência desta prática na memória das pessoas de todas as gerações daquele tempo. Nas festas observadas nesse período, um altar improvisado era colocado mais ao fundo do salão principal do Clube Santo Antônio, ornamentado com toalha branca, fitas coloridas e as imagens de Santo Alberto e Santo Antônio, uma ao lado da outra. No teto, muitas bandeirinhas coloridas penduradas em fios esticados, tudo feito pelos moradores vizinhos.



Fig. 1: Clube Santo Antônio, no bairro da Praia.
Foto: Líliam Cohen (2002), analógica.



Fig. 2: Santo Alberto e Santo Antônio.
Foto: Líliam Cohen (2002), analógica.



Fig. 3: Tamborino no altar.
Foto: Líliam Cohen (2002), analógica.

Durante o período da pesquisa, entre 2001 e 2003, foram observadas categorias nativas de classificação do repertório musical que transitava na cidade naquele momento. Sendo a cidade de São Gabriel da Cachoeira um ambiente urbano majoritariamente indígena, o aspecto da identidade étnica foi um ponto importante a ser observado.

2. Estrutura e elementos simbólicos

A ladainha das festas de santo do bairro da Praia, em São Gabriel da Cachoeira, possui um conjunto de 10 cantos, detalhados no Quadro 1. Entre os anos de 2002 e 2009, foi observada a manutenção desse mesmo conjunto de cantos nas festas ocorridas no período, sem alteração em sua ordem nem em sua performance.

Cantos	Orientação temporal	Língua	Centro tonal
Introdução	Prosódica	Latim	Ré dórico
Pai-Nosso	Prosódica	Português	Ré M
Ave-Maria	Prosódica	Português	Ré M
Glória	Prosódica	Latim	Ré dórico
Ladainha	Prosódica	Latim	Ré dórico
Salve-Rainha	Menor subordinação à prosódia	Português	Si M
Oferecimento	Menor subordinação à prosódia	Português	Si M
Virgem Soberana	Menor subordinação à prosódia	Português	Si M
Bendito	Prosódica	Português	Ré dórico e Ré m
Despedida	Prosódica	Português	Ré m

Quadro 1: Cantos da ladainha de Nossa Senhora rezada no bairro da Praia, São Gabriel da Cachoeira. (COHEN, 2002).

Dentre as dez músicas que constituem o repertório do Alto Rio Negro, observa-se que os conjuntos de cantos que provavelmente estão mais próximos do ritual original mantêm a língua latina, com alterações particulares do caminhar da tradição local. Os cantos em português parecem ter sido incorporados posteriormente, pois apresentam estruturas linguísticas e musicais diferentes.

De forma geral, os cantos em latim estão no modo dórico, mantendo uma sonoridade mais aproximada com sua herança modal, enquanto os cantos em português podem ser observados nos modos tonais ocidentais. A análise dos aspectos formais foi realizada a partir da perspectiva da prosódia, tendo em vista a importância simbólica das letras das músicas para a comunidade local, em especial para os rezadores. O respeito e a reverência para com o santo impõem a necessidade de não errar as letras dos cantos, em razão de possíveis castigos (da parte do santo) que possam ocorrer com a pessoa que errou. As ladainhas costumeiramente são rezadas por ocasião das festividades dos santos, mas podem ser realizadas em pedidos de graças e para agradecimento das graças alcançadas nas casas das pessoas, quando o rezador puder comparecer. As ladainhas possuem uma conexão com o santo, e, por meio delas, as ações de graças ocorrem como um canal de comunicação. Assim, a preocupação em pronunciar as letras dos cantos corretamente é um item a ser pontuado para análise, levando em conta os aspectos da respiração e conformação das frases ao longo da performance.

Já a Festividade do Glorioso São Sebastião, em Cachoeira do Arari, na região dos campos do arquipélago do Marajó, constitui um complexo de acontecimentos iniciados durante o mês de abril, como preparativos para o período da festividade, realizada entre 10 e 20 de janeiro de cada ano. Ao longo dos meses anteriores, a Comissão de São Sebastião inicia a peregrinação pelos campos do Marajó, contornando, a cavalo, montaria[1] ou a pé, algumas áreas de municípios fronteiriços a Cachoeira do Arari. Nessa peregrinação ocorre a "esmolação do santo", com o recebimento de ofertas de diversas naturezas para o santo, vindas de fazendeiros, vaqueiros e gerentes de fazendas da região. A "esmolação" ocorre ao som dos repertórios de folias e de ladainhas cantadas a duas vozes pelos componentes da Comissão. A Comissão é constituída por um mestre-sala, que é o violeiro e também o rezador, um violonista, um triangulista e um bandeireiro.

O repertório das folias é constituído por cerca de 10 cantos, podendo variar conforme a dinâmica de produção de novos cantos. Tais cantos coincidem com os momentos rituais da esmolação e da festividade: Folia da alvorada, Folia de chegada, Folia de agradecimento de mesa, Folia da porteira do curral, Folia da Ave-Maria, Folia de agradecimento do almoço, Folia de agradecimento do jantar, Folia de início da ladainha, Folia de término da ladainha e Folia de despedida.

As folias possuem estrofe e refrões, precedidos por uma introdução denominada "ponteado", que é, ao mesmo tempo, estrutura e modo de tocar. Entre as estrofes e os refrões, o ponteado também se faz presente. Os refrões são cantados a duas vozes; sua letra e sua melodia não podem variar, pois são consideradas as estruturas que dão o nome à propriedade intelectual das folias. As estrofes podem ter suas letras alteradas, a melodia não.

Ao longo da festividade, no período de 10 a 20 de janeiro, as folias são frequentemente cantadas nas esmolações nas casas dos devotos, na igreja em todas as noites e nos marcos ritualísticos da festividade, como a alvorada. As ladainhas ocorrem durante a esmolação, e à noite, após as 18h, dentro da Igreja Matriz. Depois das ladainhas, na praça central, tem lugar o ambiente festivo, no qual a Banda de Música João Vianna toca repertório variado de marchas, músicas regionais, músicas populares e músicas dançantes. Os cânticos das ladainhas estão descritos no Quadro 2.

Cantos	Orientação temporal	Centro tonal
Introito	Prosódica	Reto tono
Agnus Dei	Prosódica	Modal
Oremos	Prosódica	Modal
Salve-Rainha	Prosódica	Partes tonais e partes modais
Oferecimento	Ritmo marcado	Tonal
Bendito	Ritmo marcado	Tonal

Quadro 2: Cantos da ladainha da Festividade do Glorioso São Sebastião, Cachoeira do Arari

Tais cantos são orientados pela prosódia, tanto quanto no Alto Rio Negro, incluindo o uso de tom de recitação, especialmente no *Introito*. Os demais cantos se mantêm em estrutura modal, como o *Agnus Dei* e *Oremos*, e tonal nos demais cantos. São cantados em estrutura coro-solista, com a presença

[1] Pequena embarcação do tipo canoa, também chamada de "casco".

do capitulador e dos respondedores. O conhecimento desse repertório e seu domínio são um ponto-chave para desenvolver a função de mestre-sala na Comissão de São Sebastião.

A antropóloga Vanda Pantoja observa que a reciprocidade é uma característica das festas de santo no Marajó, que também pode ser observada no Alto Rio Negro. A autora comenta que os diversos momentos das festas são relevantes para entender seus simbolismos:

> Assim, é muito difícil ver de forma separada as missas, rezas, ladainhas, procissões, das festas de barracões, dos mastros dos santos que se festeja. Para o devoto, a "festa do santo" só se completa nessa alternância de momentos de grande contrição, proporcionados pelos momentos litúrgicos e os de grande distração, comem nos espaços festivos onde comem, bebem e dançam em homenagem ao santo (PANTOJA, 2008: 31).

Os repertórios musicais estão conectados a todos esses momentos e participam de todas essas esferas do sagrado entre os devotos nas festas de santo do Marajó.

3. Aproximações históricas sobre o fundamento (para)litúrgico das ladainhas no catolicismo romano e sua restruturação no catolicismo popular amazônico

A consulta ao termo ladainha em um dicionário de liturgia católica aponta para:

> Ladainhas (do grego *litaneía*, petição): Modo de rezar em que a comunidade responde com uma invocação breve e repetida às várias preces propostas por quem dirige a oração. É uma das formas mais populares e antigas de oração, uma vez que não é preciso, por parte da assembleia, de muita memória, nem de livros. Podem ser de louvor, de ação de graças, de arrependimento ou de petição. Podem ser dirigidas às Pessoas Divinas [Santíssima Trindade], à Virgem Maria, aos santos ou aos anjos. Os exemplos mais comuns e usados podem ser o *Kyrie* e o *Agnus Dei* da Missa ou a *Ladainha de todos os Santos*, rezada durante a vigília pascal, na administração do Batismo, nas ordenações, nas bênçãos de abade ou abadessa, na consagração de virgens, na profissão perpétua, nas dedicações de igrejas etc. Também é chamada de oração litânica (DOTRO; HELDER, 2006: 93).

A ladainha foi herdada, segundo a *Enciclopédia Católica Popular*, do Judaísmo, da liturgia praticada nas sinagogas (LADAINHA, [20--]). O *Dicionário Histórico do Judaísmo*, de Norman Solomon, traz uma definição bastante interessante e aplicável, sob muitos aspectos, também às ladainhas cristãs, mais particularmente às católicas romanas: uma forma de oração participada, com respostas fixas pelo povo aos versos entoados pelo líder religioso. Estão presentes desde os salmos, embora não existisse um termo pré-moderno, bem como nos Hoshanot, os hinos de Hosana cantados nas procissões nas sinagogas. Uma das ladainhas mais conhecidas tem o texto *Avinu Malkenu* – "nosso pai, nosso rei" – entoado diversas vezes. Segundo o Talmud, após um ano de seca, o rabino Aquiba teria rezado tal refrão. Hoje, *Avinu Malkenu* tem destaque nos dias de jejum e nos dez dias de penitência (SOLOMON, 2006).

O primeiro aspecto a se notar é que os salmos tiveram autores diversos, tendo sido gradualmente reunidos, e passaram a ser cantados: "os salmos, no processo de serem colecionados e compilados, foram adaptados para propósitos litúrgicos – em particular, para cantar nos ritos sacrificiais realizados no templo" (STAPERT *apud* CARDOSO, 2011: 30). A julgar pelo fato de que há salmos até mesmo com a indicação de títulos de melodias – a exemplo de *Os lírios*, *Os lagares* e *A força da manhã* –,

é razoável supor que a relação entre o fazer música e – o que se poderia denominar – a protoladainha do Salmo 136 aponte para um passado de cerca de três mil anos.

Das ladainhas citadas por Norman Solomon, a mais conhecida é, muito provavelmente, *Avinu Malkeinu*, oração de súplica utilizada nas liturgias de Yom Kippur e do Rosh Hashanah. O texto traz uma série de súplicas iniciadas por "Nosso Pai, nosso Rei". Dentro do vasto repertório musical de tradição oral ou escrita que reveste o texto de *Avinu Malkeinu*, duas são mais recorrentes. A primeira delas é a "tradicional", sem autoria identificada. O uso litúrgico da melodia tradicional na Sinagoga do Recife foi apontado por Keyla Cunha (2018: 161), que analisou o modo sobre o qual foi escrita *Ahava Rabboh*, "de suplicação, grande amor", o que coaduna perfeitamente com o caráter da ladainha. O modo é semelhante ao menor harmônico, contudo o tom de repouso equivaleria à dominante. Em diversos vídeos disponíveis na internet, é possível perceber a ampla difusão da melodia e seu uso no presente. O segundo *Alvinu Malkeinu* foi composto por Max Janowski (1912-1991), já tendo sido gravado por diversos cantores e cantoras, tanto durante seu uso ritual quanto na forma de apresentação musical.

Avinu Malkeinu e as ladainhas católicas têm em comum a variação de seus textos ao longo da história: a prece judaica variou de dois versos, recitados inicialmente pelo Rabi Aquiba (40-135 d.C.), aos números de 25 até 40 na Idade Média. No mesmo período, as ladainhas católicas romanas alcançaram dezenas de variações, tendo sido necessário um decreto, pelo papa Clemente VIII, em 6 de setembro de 1601, para sistematizar os textos admitidos pela Igreja (CARAVALE, 2016: 181). Hoje, nas diferentes tradições do Judaísmo, *Avinu Malkeinu* tem diferentes números de versos, conteúdos e diferentes usos nos calendários litúrgicos. No rito sefaradita, os versos são recitados em uníssono, modo como são recitadas todas as preces. Já nos ritos asquenazitas, toda a prece é rezada em voz baixa, exceto num trecho, em que a congregação canta em voz alta de maneira responsorial (NULMAN, 1996: 57-59). O *Kaddish* é outra oração com caráter de ladainha no Judaísmo, caracterizada também pelo aspecto responsorial.

Além do Judaísmo e da Igreja Católica Romana, os católicos orientais e algumas denominações protestantes têm suas ladainhas, como os metodistas, os luteranos e os anglicanos. A noção de ladainha é ainda mais ampla, sendo extensível às religiões abraâmicas, uma vez que o Islã também as utiliza, sejam aquelas recitadas em solo africano[2], sejam do sufismo[3]:

> DHIKR (ZIKR), "Lembrança". No Sufismo, dhikr é a rememoração de Deus, seu domínio, a morte e o Dia do Juízo Final. É a recitação de uma ladainha que consiste da glorificação dos nomes de Deus, trechos do Corão e preces especiais. O dhikr pode ser executado em reuniões privadas ou nas mesquitas e envolve movimentos rítmicos do corpo e técnicas de respiração, enquanto são pronunciadas várias fórmulas e nomes (ADAMEC, 2017: 112-113).

[2] "O *marabout* é, em consequência, mais ou menos considerado como um santo (*wali*). Os da África negra têm sido, historicamente, anunciados por missionários vindos da África do Norte, da Mauritânia ou do Egito, através do deserto. Pertencem eles, quase sempre, a uma das duas grandes confrarias-tronco, *qâdiriya* e *tidjâniya*. São estas as duas 'vias' paralelas que se distinguem pela recitação das ladainhas *dhikr* mais ou menos longas, e por um ritual de iniciação (*wird*) especial" (MONTEIL, 1967: 12).

[3] "Algumas ordens sufis usam fórmulas de intercessão como as ladainhas, em sua cerimônia dhikr (lembrança)" (CLARK, 2018: 99).

Ainda vertente do sufismo, seria possível citar as ladainhas baseadas nos escritos do imã Yusuf al-Nabhani (1849-1932), que deram origem a um livro de "ladainhas maometanas"[4]. Mesmo fora das religiões abraâmicas, não é incomum menção ao termo ladainha, aparecendo até mesmo para descrever algumas preces do Budismo[5]. Sem o conhecimento aprofundado, entretanto, de cada uma dessas tradições religiosas, não é possível afirmar em que medida a noção de ladainha é êmica ou foi atribuída a partir de olhares alheios a tais religiões. Assim, limitamo-nos ao catolicismo.

No catolicismo oriental, as ladainhas receberam o nome de *ektenia*. Sua principal característica é a resposta "*Kyrie eleison*" às súplicas: "Senhor, tende piedade de nós"[6]. Nos ritos das igrejas ortodoxas gregas, o texto da *ektenia* é revestido pelo canto bizantino. O costume das preces respondidas por *Kyrie eleison* foi também introduzido no Ocidente, tendo sido institucionalizado na Gália já no século VI:

> O Concílio de Vaison, celebrado no ano de 529, introduziu na celebração o *Kyrie eleison*, na Gália, de acordo com aquilo que as igrejas da Itália e do Oriente há muito faziam; o Sumo Pontífice São Gregório, falecido em 604, retomou a mesma prece de uso comum. Uma vez que, na Santa Sé, bem como em todas as províncias do Oriente e na Itália, foi introduzido o costume doce e salutar de se dizer Kyrie, eleison, com grande emoção e contrição; também nos parece propício que, em todas as nossas igrejas, este santo costume seja introduzido nas Matinas, Missas e Vésperas sem interrupção; em todas as missas, ou nas Matinas, ou nas Quaresmais, ou naquelas celebradas pela memória dos defuntos, sempre se deve dizer o Santo, Santo, Santo, nas Missas públicas; porque é um canto tão santo, doce e desejável, que mesmo que se cantasse de dia e de noite, não entediaria[7] (RICHARD, 1778: 226, tradução nossa).

Ao longo de toda a Idade Média, houve uma disseminação da ladainha no catolicismo por toda a Europa. No século XIII, no Santuário de Loreto, no atual território da Itália, instituiu-se a Ladainha de Nossa Senhora, razão pela qual é também conhecida como Ladainha Lauretana, a qual foi aprovada oficialmente pelo papa Clemente VIII, em 1601. Contudo,

> Ao longo dos tempos algumas invocações foram sendo acrescentadas pelos papas, como por exemplo: "Rainha concebida sem pecado" em 1854; "Mãe do Bom Conselho", em 1903; "Rainha da Paz" em 1917; "Rainha Assunta ao Céu" em 1950; "Mãe da Igreja" em 1964 e "Rainha da Família", em 1995, por João Paulo II. (GOIS, 2018).

Essas alterações refletem as sucessivas autocompreensões da Igreja Romana ao longo da história. O acréscimo de "*Regina sine labe originali concepta*" adéqua a ladainha "oficial" à proclamação do Dogma da Imaculada Conceição, por Pio IX, em sua bula *Ineffabilis Deus*, de 8 de dezembro de 1854.

---

[4] O livro *The Muhammadam Litanies: Prayers upon the Prophet Muhammad for Invocation and Reflection* (sem tradução para o português) sistematiza as ladainhas do imã.

[5] Quando se pesquisa na internet a relação entre ladainhas e Budismo, a ladainha de *Avalokiteshvara*, o *bodisatva* da suprema compaixão, é o resultado mais recorrente, mas não o único.

[6] Esta noção de piedade não nos parece limitada ao sentido de justiça ou de absolvição – como se pensa a partir de seu uso no Ato Penitencial do rito romano –, mas em um sentido amplo de misericórdia em relação àquele que clama.

[7] Original: "Vaſionenſe Concilium, an. 529. celebrantum inſtituit Kyrie, eleiſon in Gallia, ſecundum Orientis & Italiæ Eccleſias quæ illud multo ante dicebant; ſummusque Pontifex S. Gregorius qui an. 604. ſupremum diem obiit, ejusdem precis uſum communem reddidit. *Et quia tam in Sede Apoſtolica, quam etiam per totas Orientales, atque Italiæ províncias, dulcis & nimium ſalutaris conſuetudo eſt intromiſſa, ut Kyrie , eleiſon, frequentius cum grandi affectu & compuctione dicatur; placuit etiam nobis , ut in omnibus Eccleſiis noſtris iſta tam ſancta conſuetudo & ad matutinum , & Miſſas , & ad Veſperam Deo propitio non intermittatur; & in omnibus Miſſis, ſeu in Matutinis , ſeu in Quadrageſimalibus , ſeu in illis quæ pro Defunctorum commemoratione fiunt , ſemper , Sanctus , Sanctus , Sanctus, eo ordine, quo modo ad Miſſas publicas dicitur, dici debeat ; quia tam ſancta, & tam dulcis & deſiderabilis Vox, etiamſi DIU noctuque poſſit dici, faſtidium non poteſt generare*".

Por outro lado, há inserções que refletem até mesmo os acontecimentos de uma época, como é o caso da invocação à Rainha da Paz durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

O citado ato de Clemente VIII que oficializou a *Litania Lauretana* também limitou a quantidade de variações de textos das ladainhas permitidas pela Igreja – já que, ao longo da Idade Média e do Renascimento, dezenas de ladainhas foram criadas –, apontando para o caráter institucionalizante herdado do Concílio de Trento. Semelhante movimento de controle institucional ocorreu mais fortemente a partir da segunda metade do século XIX, na chamada Romanização, quando o catolicismo "popular", de protagonismo dos fiéis leigos, foi suplantado por uma versão clericalizada e centrada em reproduzir o modelo romano de liturgia. Nas ladainhas associadas a esse catolicismo popular, que passou a sobreviver, sobretudo, nos interiores, afastado, portanto, do controle eclesiástico, é possível perceber maiores variações de texto em relação ao catolicismo oficial. Atualmente, a Litania Lauretana oficial tem o seguinte texto (com nossos acréscimos da data de inclusão das invocações):

> Kyrie, eleison. | Christe, eleison. | Kyrie, eleison. | Christe, audi nos. | Christe, exaudi nos. | Pater de cælis, Deus, * miserere nobis. | Filie, Redemptor mundi, Deus, * miserere nobis. | Spiritus Sancte Deus, * miserere nobis. | Sancta Trinitas, unus Deus, * miserere nobis. | Sancta Maria, * ora pro nobis. | Sancta Dei Genetrix, * ora pro nobis. | Sancta Virgo virginum, * ora pro nobis. | Mater Christi, * ora pro nobis. | Mater Ecclesiæ, * ora pro nobis. **[1964]** | Mater Divinæ gratiæ, * ora pro nobis. | Mater purissima, * ora pro nobis. | Mater castissima, * ora pro nobis. | Mater inviolata, * ora pro nobis.
> Mater intemerata, * ora pro nobis. | Mater amabilis, * ora pro nobis. | Mater admirabilis, * ora pro nobis. | Mater boni Consilii, * ora pro nobis. **[1903]** | Mater Creatoris, * ora pro nobis. | Mater Salvatoris, * ora pro nobis. | Virgo prudentissima, * ora pro nobis. | Virgo veneranda, * ora pro nobis. | Virgo prædicanda, * ora pro nobis. | Virgo potens, * ora pro nobis. | Virgo clemens, * ora pro nobis. | Virgo fidelis, * ora pro nobis. | Speculum iustitiæ, * ora pro nobis. | Sedes sapientiæ, * ora pro nobis. | Causa nostræ lætitiæ, * ora pro nobis. | Vas spirituale, * ora pro nobis. | Vas honorabile, * ora pro nobis. | Vas insigne devotionis, * ora pro nobis. | Rosa mystica, * ora pro nobis. | Turris Davidica, * ora pro nobis. | Turris eburnea, * ora pro nobis. | Domus aurea, * ora pro nobis. | Fœderis arca, * ora pro nobis. | Ianua cæli, * ora pro nobis. | Stella matutina, * ora pro nobis. | Salus infirmorum, * ora pro nobis. | Refugium peccatorum, * ora pro nobis. | Consolatrix afflictorum, * ora pro nobis. | Auxilium Christianorum, * ora pro nobis. | Regina Angelorum, * ora pro nobis. | Regina Patriarcharum, * ora pro nobis. | Regina Prophetarum, * ora pro nobis. | Regina Apostolorum, * ora pro nobis. | Regina Martyrum, * ora pro nobis. | Regina Confessorum, * ora pro nobis. | Regina Virginum, * ora pro nobis. | Regina Sanctorum omnium, * ora pro nobis. | Regina sine labe originali concepta, * ora pro nobis. **[1854]** | Regina in cælum assumpta, * ora pro nobis. **[1950]** | Regina Sanctissimi Rosarii, * ora pro nobis. | Regina familiæ, * ora pro nobis. **[1995]** | Regina pacis, * ora pro nobis. **[1917]** | Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, * parce nobis, Domine. | Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, * exaudi nobis, Domine. | Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, * miserere nobis. | V. Ora pro nobis, Sancta Dei Genetrix, | R. Ut digni efficiamur promissionibus Christi. | Oremus. | Concede nos famulos tuos, quæsumus, Domine Deus, | perpetua mentis et corporis sanitate gaudere: | et gloriosa beatæ Mariæ semper Virginis intercessione, | a præsenti liberari tristitia, et æterna perfrui lætitia. | Per Christum Dominum nostrum. | R. Amen (LITANIA LAURETANA, [2011]).

Para além da simples informação histórica, as transformações das ladainhas servem também como balizas para sua compreensão. Embora seja possível, por exemplo, o acréscimo de textos a versões anteriormente difundidas, é possível observar, ao menos, quais inovações foram ou não assimiladas em uma determinada localidade. Como exemplo, é possível proceder a uma breve análise de uma *Litania Lauretana* registrada por Barros (2009) na região do Alto Rio Negro. O primeiro aspecto musical a ser destacado é a recorrência de ornamentações semelhantes a apojaturas, que podem remeter às ladainhas

compostas no século XIX (Figura 4), semelhantes àquelas que ainda hoje se fazem ouvir nas cidades de Pirenópolis, em Goiás, ou São Luís e Alcântara, ambas no Maranhão.

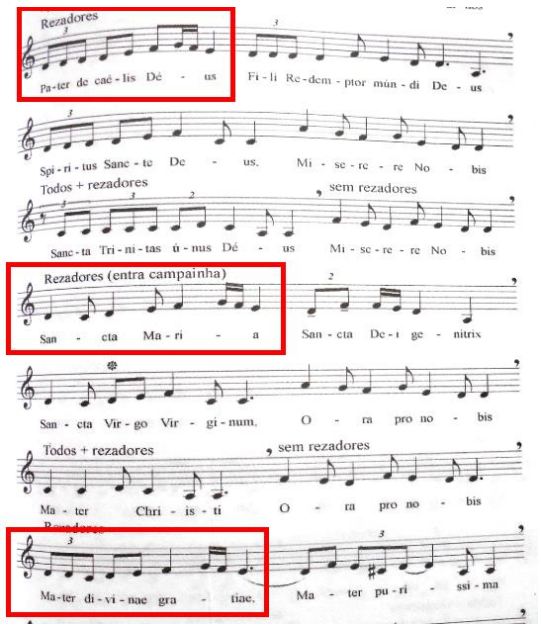


Fig. 4: Detalhes da ornamentação vocal em trechos da *Ladainha de Nossa Senhora*, do *Repertório de Rezas* transcritas por Barros (2009: 191)

Sobre o texto, é interessante notar a presença do acréscimo feito no centro do século XIX, "*Regina sine labe originali concepta*", mas com uma contração incomum da quantidade de notas sobre o texto (Figura 5).

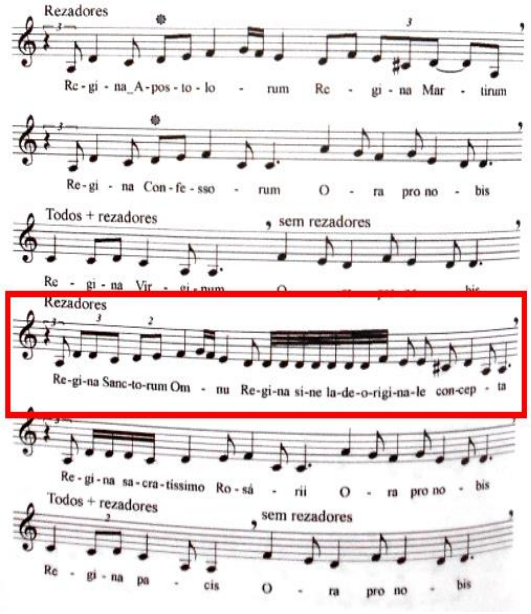


Fig. 5: Detalhes do tratamento dado ao texto que remete ao dogma da Imaculada Conceição, na *Ladainha de Nossa Senhora* transcrita por Barros (2009: 194)

Essa contração pode ser explicada, em parte, pelo tamanho da invocação, ou seja, quantidade de sílabas métricas, que é consideravelmente maior do que naquelas que lhe precedem e sucedem. Por outro lado, pode sugerir que um tratamento mais orgânico do texto não tenha sido pensado ao tempo da composição musical, mas posteriormente adaptado a uma melodia preexistente. Nessa hipótese, a ladainha seria anterior, portanto, à proclamação do dogma.

Algumas invocações do século XX constam da ladainha, tendo sido, muito possivelmente, acrescentadas, e não constantes da composição musical original. São elas: "*Mater boni Consilii*", de 1903 (Figura 6), e "*Regina pacis*", de 1917 (Figura 5). Já invocações posteriores a 1950 estão ausentes: "*Mater Ecclesiae*", de 1964 (Figura 4), "*Regina in cælum assumpta*", de 1950 (Figura 5), e "*Regina familiæ*", de 1995 (Figura 5).

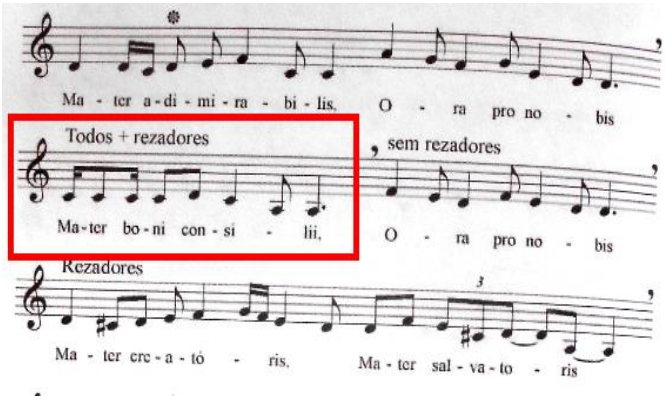


Fig. 6: Trechos da ladainha acrescentados ao longo do século XX presentes na *Ladainha de Nossa Senhora* transcrita por Barros (2009: 192)

Assim, é possível afirmar que a versão transcrita da ladainha por Barros, em 2009, fora fixada há, pelo menos, cerca de seis décadas, sem inclusões de texto. A datação de sua composição, contudo, não é possível precisar a partir dos dados disponíveis. A dificuldade em se apontar a data de composição da ladainha de Cachoeira do Arari, no Marajó, é semelhante ao que foi dito para a de São Gabriel da Cachoeira, sendo que a última inclusão de texto também data de 1917, conforme se observa no exemplo que segue (Figura 7): ausência de "*Mater Ecclesiæ*" entre as invocações "*Mater Christi*" e "*Mater Divinæ gratiæ*"; presença de "*Regina sine labe originali concepta*" [1854], cantada como "*Regina* sem milagre te *concepta*"; ausência de "*Regina in cælum assumpta*" [1950] e de "*Regina familiæ*" [1995]; presença de "*Regina pacis*" [1917], com o texto adaptado para "Regina pacié". Chama a atenção, contudo, a ausência de "*Mater boni Consilii*" – entre "*Mater admirabilis*" e "*Mater Creatoris*" ou, como é cantado localmente, "criatoriom". A invocação à Mãe do Bom Conselho foi inserida por Pio X em 1903. Apesar disso, uma invocação posterior foi transcrita, "*Regina Pacis*" – ou "pacié" –, inserida na ladainha em 1917. Disso, é possível supor ter havido a necessidade ou imposição de se atualizar a uma versão fixada em fins do século XIX. Note-se ainda que "Regina sem milagre, sem milagre te concepta" – invocação correspondente a "*Regina sine labe concepta*", acrescentada em 1854 – não aparece como uma espécie de compressão do texto, como ocorreu com a ladainha do Alto Rio Negro, mas mantém uma prosódia uniforme em relação às demais invocações.

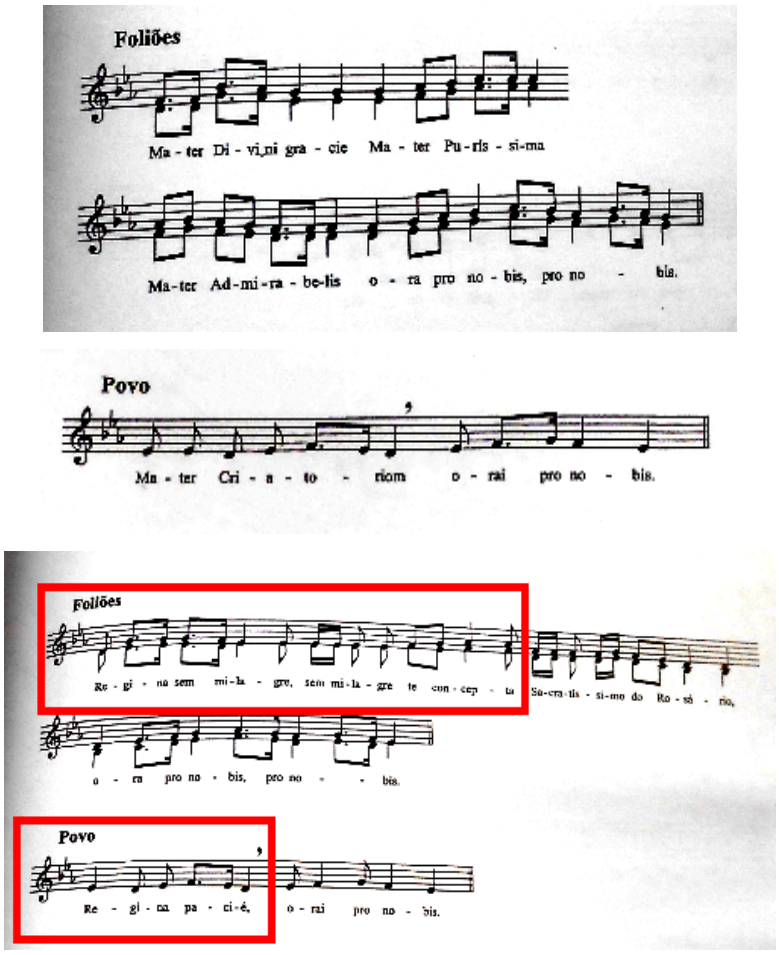


Fig. 7: Trechos da ladainha de Cachoeira do Arari, no Marajó (BARROS; ABUFAIAD, 2009)

Se definir a data exata de composição das ladainhas a partir dos dados existentes é uma tarefa inviável, um marco inicial da difusão de ladainhas na Amazônia é igualmente difícil de ser precisado. Sabe-se, contudo, que os missionários a praticavam no século XVII. Embora franciscanos observantes (*capuchos*) de três custódias – carmelitas, mercedários e religiosos – tenham sido atuantes de maneira mais regular no território do Grão-Pará e Maranhão ao tempo da colônia, não há de se desconsiderar a presença de capuchinhos franceses, da província de Bretanha, que acompanhavam os franceses quando da dominação do território e da fundação de São Luís, em inícios do século XVII, donde se torna mais difícil precisar o marco inicial da prática musical e religiosa das ladainhas. Na missionação junto aos Cariri, no Nordeste, por exemplo, escreveu um dos religiosos da província da Bretanha, Martin de Nantes, em fins do século XVII:

> Um número tão prodigioso de ratos uma vez infestou o país que mais parecia uma das pragas do Egito. Esses animais devoravam tudo e nasciam nas casas em grande número. Depois de dizer aos índios que era um castigo de Deus e exortá-los a recorrer à sua misericórdia, ordenei a eles três dias de jejum, durante os quais fizemos uma procissão todos os dias, cantando as ladainhas e, abençoando uma quantidade de água, eu a reparti com todos e os enviei para jogá-los em suas plantas e em suas casas. Em três dias, todos os ratos desapareceram: aconteceu duas vezes (NANTES, 1888: 37).

O padre jesuíta João Felipe Bettendorff (1625-1698), em sua *Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*, de 1698, sugere, contudo, que teria sido o padre Antônio Vieira (1608-1697), quando da chegada ao Maranhão, em 1653, quem instituiu o canto do terço, além de ter fundado uma confraria. Nessas celebrações, os estudantes sairiam pela cidade, acompanhados de um padre, cantando *Salve-Rainha* e a ladainha (BETTENDORFF, 1990: 78). O acompanhamento musical às celebrações caberia aos músicos de Nossa Senhora das Mercês. O próprio padre Bettendorff sistematizou um *Compendio da Doutrina Christãa na Lingua Portugueza e Brasilica*, que foi reimpresso em 1800. Sobre o modo de ensinar sua Doutrina, prescrevia: "IV. As Ladainhas, e a Salve Rainha, só se dizem, ou cantaõ nos Sabbados á noite, na Doutrina de tarde, e em todas as Festas da Senhoras, e Vesporas dellas" (BETTENDORFF, 1800: VII). Na publicação original, de 1687, constava a própria *Ladainha de Nossa Senhora* (Figura 8)[8].

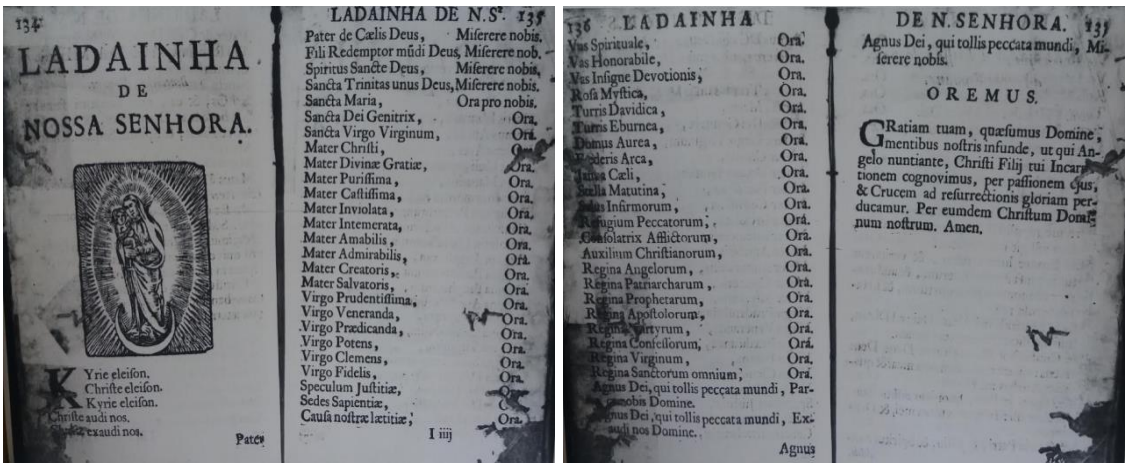

134
LADAINHA
DE
NOSSA SENHORA.
Kyrie eleiſon.
Chriſte eleiſon.
Kyrie eleiſon.
Chriſte audi nos.
Kyrie exaudi nos.
Pater
LADAINHA DE N.S. 135
Pater de Cælis Deus, Miſerere nobis.
Fili Redemptor mũdi Deus, Miſerere nob.
Spiritus Sancte Deus, Miſerere nobis.
Sancta Trinitas unus Deus, Miſerere nobis.
Sancta Maria, Ora pro nobis.
Sancta Dei Genitrix, Ora.
Sancta Virgo Virginum, Ora.
Mater Chriſti, Ora.
Mater Divinæ Gratiæ, Ora.
Mater Puriſſima, Ora.
Mater Caſtiſſima, Ora.
Mater Inviolata, Ora.
Mater Intemerata, Ora.
Mater Amabilis, Ora.
Mater Admirabilis, Ora.
Mater Creatoris, Ora.
Mater Salvatoris, Ora.
Virgo Prudentiſſima, Ora.
Virgo Veneranda, Ora.
Virgo Prædicanda, Ora.
Virgo Potens, Ora.
Virgo Clemens, Ora.
Virgo Fidelis, Ora.
Speculum Juſtitiæ, Ora.
Sedes Sapientiæ, Ora.
Cauſa noſtræ lætitiæ, Ora.
I iiij
136 LADAINHA
Vas Spirituale, Ora.
Vas Honorabile, Ora.
Vas Inſigne Devotionis, Ora.
Roſa Myſtica, Ora.
Turris Davidica, Ora.
Turris Eburnea, Ora.
Domus Aurea, Ora.
Fœderis Arca, Ora.
Janua Cæli, Ora.
Stella Matutina, Ora.
Salus Infirmorum, Ora.
Refugium Peccatorum, Ora.
Conſolatrix Afflictorum, Ora.
Auxilium Chriſtianorum, Ora.
Regina Angelorum, Ora.
Regina Patriarcharum, Ora.
Regina Prophetarum, Ora.
Regina Apoſtolorum, Ora.
Regina Martyrum, Ora.
Regina Confeſſorum, Ora.
Regina Virginum, Ora.
Regina Sanctorum omnium, Ora.
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, Parce nobis Domine.
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, Exaudi nos Domine.
Agnus
DE N. SENHORA. 137
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, Miſerere nobis.
OREMUS.
GRatiam tuam, quæſumus Domine, mentibus noſtris infunde, ut qui Angelo nuntiante, Chriſti Filij tui Incarnationem cognovimus, per paſſionem ejus, & Crucem ad reſurrectionis gloriam perducamur. Per eumdem Chriſtum Dominum noſtrum. Amen.

Fig. 8: *Ladainha de Nossa Senhora*, no *Compendio da Doutrina Christãa na Lingua Portugueza e Brasilica*, de Bettendorff (1687: 134-137)

Ainda acerca das missões jesuíticas, o padre João Daniel (DANIEL, 2004: 66-67), no século XVIII, escreveu que eram entoados "a 'Salve Senhora' e outras canções [a]té o missionário se expedir", além de ladainhas marianas e outras canções devotas. Entre os carmelitas,

> No rio Negro não era diferente. Ali também os missionários ensinavam os índios a cantarem. […] Frei Francisco de Santo Elias, vigário provincial dos carmelitas, a respeito da devoção mariana na aldeia de São Paulo dos Cambebas, em março de 1746 testemunhava: *com muita devoçam cantaõ todos os dias de tarde na Igreja o Terço a Nossa Senhora, e nos Domingos o fazem em Procissam pela Aldeia com a ladainha da mesma Senhora no fim, e a Salve Raynha, Ave Maris Stæla, Stæla Cœli e as Antiphonas, O Gloriosa Domina, Sub tuum præsidium, Virgo Maria, Tota pulchra es; e na mesma forma cantaõ a Missa que o Padre Missionario diz todos os Domingos, dias Santos, Paschoas, e Festas de Nossa Senhora com a Antiphona Veni Sanctæ Espiritus, e Asperges me no principio ao uzo Carmelitano, tudo officiado pelos mesmos Indios com suas Opas vestidas que para esse fim lhes mandou fazer* (SANTIN, 2012).

Assim, é possível perceber uma ampla difusão das ladainhas na Amazônia entre os séculos XVII e XVIII. Cabe ainda destacar o fato de a terminologia "ladainha" ser costumeiramente associada a estruturas rituais paralitúrgicas mais amplas, tais como as novenas. Desse modo, não é incomum

[8] Registre-se nosso agradecimento à professora Maria Candida Drumond Mendes Barros pela gentileza de compartilhar tais imagens.

documentos musicográficos nos quais constam do *incipit* o título ladainha, mas cujo conteúdo constem também *Veni* e *Domine*, *Sub tuum præsidium*, além da própria ladainha (Figura 9).

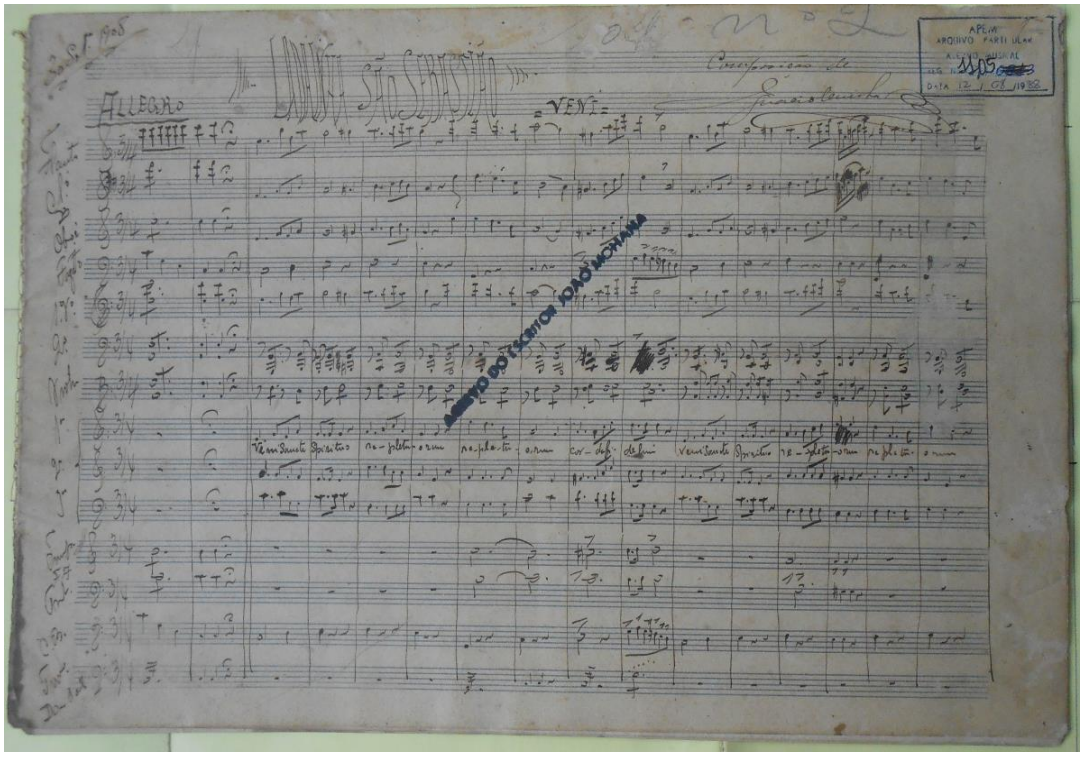


Fig. 9: Início da *Ladainha São Sebastião*, do compositor maranhense Ignacio Cunha (1871-1955). Note-se que o texto é iniciado por *Veni Sancte Spiritus*, apontando para a estrutura de uma cerimônia paralitúrgica, e não apenas para a oração da ladainha[9].

Finalmente, há de se relembrar que, sendo textos de orações utilizados ao longo de séculos, as ladainhas foram revestidas, ao longo da história, de músicas diversas, com estilos composicionais igualmente diversos.

4. Elementos comuns da estrutura e aspectos simbólicos coligados

Os cantos iniciais da ladainha e os recitativos são originários da *Ladainha de Nossa Senhora*, conforme mencionado acima, tendo em vista a coleta de documentos desse ofício na Biblioteca de Dom Valter Ivan – hoje, bispo emérito –, em São Gabriel da Cachoeira, e, no caso do Marajó, a herança jesuíta da devoção. Observam-se algumas diferenças no legado desses cânticos nas duas regiões pesquisadas: em Cachoeira do Arari, a quantidade de cantos é menor, são apenas seis cantos, enquanto em São Gabriel da Cachoeira são dez.

Em dado momento da história de cada localidade, houve um incidente que oportunamente pode ter impulsionado a incorporação de cantos em língua vernácula. Por ocasião da implantação das missões salesianas no Alto Rio Negro a partir de 1914, houve a introdução da língua portuguesa no próprio culto dominical, nos ofícios do cotidiano e nos internatos. Com algumas observações feitas a partir

[9] Cunha (1908, f. 1).

da leitura do Livro de Tombo do Internato das Irmãs de Santa Isabel do Rio Negro (ARAÚJO, 1942-1947), é possível observar as atividades de festas de santo realizadas no período entre 1944 e 1947: missa cantada pelos alunos e pelo povo com motetos, *Agnus Tibi*, *Regina Coeli*; atividades recreativas, como fogueiras e distribuição de prêmios, pau de sebo, teatrinhos, passar com pés descalços sobre brasas vivas das fogueiras, leilões, jogos de *vôlei*; momentos de alimentação com cana, milho, batata-doce, garapa; realização de missa solene cantada; procissões; bênçãos de imagens; missa de pregação (todas as tonantes cerimônias, conforme o memorial riturino); bênção do fogo; canto do *Exultat* / profecias e ladainhas; procissão da imagem pelas estradas limpas e casas enfeitadas de galhos de palmeiras; alegres toques de sinos; cantos de festeiros interrompidos por canhões; tríduos que antecedem as festas; tiros de canhões que avisam o início das festas; Canto de Natal; Canto do *Te Deum*; passeios.

No Marajó, a partir de relatos obtidos em trabalho de campo, por ocasião do Inventário de São Sebastião, as ladainhas eram organizadas pelos líderes comunitários e tinham a característica agregadora da comunidade local. Porém, a partir da década de 1960, com o Concílio Vaticano II (1962-1965), foram instituídos, na estruturação da Igreja Católica, as Comunidades Eclesiais de Base e o uso da língua vernácula nos ofícios religiosos. Assim, as ladainhas dominicais foram perdendo espaço e, possivelmente, passando a pertencer à esfera mais ritualística e simbólica das festividades em homenagem aos santos.

Tanto em São Gabriel da Cachoeira quanto em Cachoeira do Arari, no Marajó, as ladainhas remetem a um canal de comunicação com o santo, são acessadas para solicitar graças ou agradecer pelos milagres realizados; são envolvidas em profundo respeito e zelo, bem como pela figura do rezador. Pelo fato de ser um repertório com conjunto de cantos em línguas e modos distintos, de longa duração, de caráter sagrado e em tom recitativo, com fórmulas não usuais na atualidade, existe o risco de vulnerabilidade no processo de transmissão desta prática musical. Tal risco se deve não somente aos aspectos técnico-musicais, como o complexo simbólico-religioso das festas e dos repertórios como um todo, tendo em vista as diversas frentes de transformações sociais que ocorrem na Amazônia, entre elas, a própria mudança de religião católica para diversas denominações evangélicas.

Assim, pontuamos os aspectos abaixo como itens de aproximação entre os repertórios-foco deste artigo:

. cantos originários do ritual de *Ladainhas para Nossa Senhora*;

. adição de cantos em português inclusos em momentos específicos da história das missões na Amazônia, provavelmente meados do século XX;

. ladainhas como canal de comunicação com o santo e veículo para alcance de graças e pedidos de graça;

. presença das línguas latina e portuguesa; importância da prosódia e proeminência da memorização das letras no processo de aprendizagem e nas questões simbólicas que envolvem sua manutenção (castigos do santo);

. repertório em situação de vulnerabilidade em seu processo de transmissão musical.

Finalmente, observa-se a copresença de cânticos no sistema tonal, geralmente na língua portuguesa, e cânticos no sistema modal e que aparecem em latim.

Considerações finais

Observa-se que, apesar da instituição generalizada do modelo de festas de santo, agregam-se aspectos fundamentais da cultura tradicional local, ressignificando a prática musical. A comparação entre as duas estruturas dos cantos teve como objetivo observar aspectos históricos que possam contribuir para a compreensão do repertório de ladainhas, recorrente não somente nas duas cidades do texto, como na Amazônia como um todo, face ao processo colonizador da catequese católica na região. Ressignificado, esse repertório adquiriu contornos e simbolismos próprios nas localidades pontuadas neste artigo, além de ser, também, tema de inquéritos e questionamentos das próprias comunidades em torno do pertencimento. Em ambas as localidades mencionadas, o repertório de ladainha é aprendido oralmente, mesmo que em alguns casos exista o suporte escrito. Outro ponto relevante é a preocupação em não errar, em virtude de possíveis consequências e castigos do santo. Esse item, coligado a um possível caráter sacro dado às letras da ladainha, pode ser um ponto relevante no processo de transmissão. Contudo, dadas as transformações socioculturais que têm se desenvolvido na região amazônica, o processo de transmissão pode estar fragilizado. Neste artigo, buscamos demonstrar características estruturais e formais, uma breve apresentação dos aspectos simbólicos e as semelhanças e diferenças do mesmo repertório nas localidades distintas, a partir dos pontos mencionados.

Referências

ADAMEC, Ludwig W. *Historical Dictionary of Islam*. 3. ed. Lanham, Maryland; Oxford: Rowman & Littlefield Publish, 2017.

ARAÚJO, J. G. *Crônica do aprendizado*. 18 jun. 1942-1947. Manuscrito em italiano e português pertencente ao acervo da Biblioteca de Dom Valter Ivan, em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas.

BARROS, Líliam. *Repertórios musicais em trânsito*: música e identidade indígena em São Gabriel da Cachoeira. Belém, PA: EDUFPA, 2009.

BARROS, Líliam; ABUFAIAD, Verena. *Folias de São Sebastião*. Cachoeira do Arari, Ilha do Marajó, PA. Belém, PA: IPHAN, 2008.

BETTENDORFF, João Felipe. *Compêndio da Doutrina Christaã na Língua Portuguesa e Brasílica*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1687.

BETTENDORFF, João Felipe. *Compêndio da Doutrina Christaã na Língua Portuguesa e Brasílica*. Lisboa: Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1800.

BETTENDORFF, João Felipe. *Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Belém, PA: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

CARAVALE, Giorgio. *Forbidden Prayer*: Church Censorship and Devotional Literature in Renaissance Italy. London; New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2016. DOI: https://doi.org/10.33137/rr.v37i2.21818. Acesso em: 10 mar. 2020.

CARDOSO, Dario de Araujo. O cântico de salmos na Igreja Cristã até a Reforma. *Ciências da Religião - História e Sociedade*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 26-51, 2011. Disponível em: http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/3672/0. Acesso em: 28 mar. 2020.

CLARK, Malcolm. *Islã para Leigos*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

CUNHA, Ignacio. *Ladainha São Sebastião*. [São Luís]: [Manuscrito autógrafo?], 1908. Recolhido ao Arquivo Público do Estado do Maranhão, Acervo João Mohana, cód. 0744/95. Partitura Manuscrita.

CUNHA, Keyla Souza Fernandes da. *A música em uma comunidade judaica em Pernambuco*. 2018. 293 f. Tese (Doutorado em Música). CCTA, UFPB, João Pessoa, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15176?locale=pt_BR. Acesso em: 10 fev. 2020.

DANIEL, João. *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. v.1.

DOTRO, Ricardo Pascual; HELDER, Gerardo García. *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Loyola, 2006.

GOIS, Eduardo. Qual o significado das invocações na Ladainha de Nossa Senhora? *A12*, 6 set. 2018. Disponível em: https://www.a12.com/redacaoa12/qual-o-significado-das-invocacoes-na-ladainha-de-nossa-senhora-06-09-2018-10-59-11. Acesso em: 10 jan. 2020.

LADAINHA. *In*: *Enciclopédia católica popular*. [Beja]: Paulinas, [20--]. Disponível em: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1100. Acesso em: 10 jan. 2020.

LARK, Malcolm. *Islã para leigos*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

LITANIA LAURETANA. *In*: *Salvemus!*, [2011]. Disponível em: http://salvemus.com/?page_id=3195. Acesso: 10 jan. 2020.

MONTEIL, Vincent. O Islão na África negra. *Afro-Ásia*, v. 4, n. 5, p. 5-23, 1967. DOI: http://dx.doi.org/10.9771/aa.v0i4-5.20349. Acesso em: 2 dez. 2018.

NANTES, Martin de. *Histoire de la mission du P. Martin de Nantes, chez les Cariris, tribu sauvage du Brésil, 1671-1688*. Rome: Archives Generales de L'Ordre des Capucins, 1888.

NULMAN, Mac. *The Encyclopedia of Jewish Prayer*: The Ashkenazic and Sephardic Rites. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publish, 1996.

PANTOJA, Vanda. As festas de santo: reciprocidade, fé e festa. *In*: LIMA, Maria Dorotéa de; PANTOJA, Vanda Pantoja (org.). *Marajó, culturas e paisagens*. Belém: IPHAN, 2008. p. 28-43.

RICHARD, Caroli Ludovici. *Analysis Conciliourm*: generalium, et particularium. Augustae Vindelicorum. [Augsburg]: sumptibus Matthaei Rieger p. m. filiorum, 1778. v. 4.

SANTIN, Wilmar. *Missões carmelitas nos rios Negro e Solimões*. 2012. Disponível em: http://mensagensdofreipetroniodemiranda.blogspot.com.br/2012/10/dom-frei-wilmar-santin-o.html. Acesso em: 10 jan. 2020.

SOLOMON, Norman. *Historical Dictionary of Judaism*. 2. ed. Lanham, Maryland; Toronto; Oxford: The Sacrecrow Press, 2006.

Líliam Cristina Barros Cohen é pianista, etnomusicóloga e professora da Universidade Federal do Pará. Coordena o Grupo de Pesquisa Música e Sociedade na Pan-Amazônia - GPMIA desde 2007 e é membro do Comitê Gestor do Laboratório de Etnomusicologia da UFPA desde 2015. lbarros@ufpa.br

Fernando Lacerda Simões Duarte é musicólogo e estagiário de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da UEA. É professor da Escola de Música da UFPA, atualmente em afastamento. Coordena o PatriMusi - Grupo de Pesquisa Patrimônio Musical no Brasil. lacerda.lacerda.lacerda@gmail.com

Juliano Cássio da Silva Conceição é músico, pesquisador e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA, membro do Grupo de Pesquisa Música e Identidade na Amazônia - GPMIA e do Laboratório de Etnomusicologia da UFPA. jcassiomarajo@gmail.com

A *Opus* está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional